

O percurso de línguas da Psicanálise e seus avanços rumo ao oriente – Do alemão de Freud ao chinês de nossos dias ¹

Pedro Heliodoro TAVARES ²

RESUMO:

Este artigo visa introduzir questões relacionadas à recente entrada da Psicanálise no mundo de expressão chinesa. Ele se inicia apresentando resumidamente como a Psicanálise teve seu desenvolvimento transformado e enriquecido por cada cultura e língua de influência com a qual manteve contato significativo. Se o “retorno a Freud” de Jacques Lacan, baseado nas obras de Saussure e outros linguistas conduziram à prevalência de uma compreensão do inconsciente como algo ligado a uma função da linguagem falada, suas próprias considerações acerca de línguas ideográficas tais como o japonês e o chinês parecem reabrir as discussões sobre o assunto, considerando, principalmente, a palavra escrita e suas relações com a realidade subjetiva.

PALAVRAS-CHAVE: línguas da psicanálise, traduções da obra de Freud, Psicanálise na China.

ABSTRACT:

This article aims to introduce questions regarding the recent entrance of psychoanalysis in the Chinese speaking world. It begins briefly presenting how psychoanalysis has had its development transformed and enriched by each culture and language of influence it has had a significant contact with. If Jacques Lacan’s “return to Freud”, based on Saussure’s and other linguists’ works, lead to prevail the comprehension of the unconscious as something attached to a function similar to that of the spoken language, his very considerations of ideographic languages such as Japanese and Chinese seem to reopen the discussions to the matter, considering mainly the written word and its relations to subjective reality.

Keywords: Languages of psychoanalysis, translations of Freud’s works, Psychoanalysis in China.

Em vários trabalhos anteriores que escrevi acerca das traduções da obra de Sigmund Freud, fosse ou não o foco do trabalho, me referia a uma espécie de cronologia

¹ Partes consideráveis do que aqui é exposto se trata da versão em língua portuguesa do trabalho “*Die Subjektivität zwischen den Sprachen: Die Einführung der freudschen Psychoanalyse im heutigen China auf Grundlage der französischen Lacan-Rezeption*”, apresentado em língua alemã no âmbito do *XIII Kongress der internationalen Vereinigung für Germanistik - Germanistik zwischen Tradition und Innovation* em Xangai – China, na Universidade Tongji em agosto de 2015.

² Professor da Universidade de São Paulo. Contato: pht@usp.br

das influências de cada país e de suas respectivas línguas nos avanços da Psicanálise no Ocidente ao longo do século XX e da primeira década do século XXI. Especificamente no caso do livro *Versões de Freud – breve panorama crítico das traduções de sua obra*, (Tavares, 2011) escrevi-o justamente ao longo de 2010, do ano em que, após o septuagésimo aniversário de sua morte, a obra de Freud entrou para o domínio público e que, graças a tal fato, surgiam ao leitor de língua portuguesa as primeiras traduções feitas diretamente da língua alemã. Minha intenção ali era a de mostrar as consequências para a recepção da obra de Freud no Brasil e em língua portuguesa 1) inicialmente, a partir de uma tradução indireta a partir da versão em *língua inglesa* (Strachey), sobre a qual pesavam fortes críticas quanto a um tratamento demasiado cientificista, terminologizante, e simplificador das características literárias da obra do fundador da Psicanálise; 2) além disso, tendo que lançar mão de outras referências para superar as limitações da tradução disponível e contando para tanto, sobretudo com léxicos (Laplanche & Pontalis, Roudinesco & Plon, Kaufmann *et al.*) e comentários (Laplanche, Lacan etc.) redigidos originalmente em *língua francesa* e traduzidos para o nosso idioma; e, 3) finalmente, valendo-se do acesso a duas influentes traduções em língua castelhana, publicadas respectivamente na Espanha (Ballesteros y de Torres) e Argentina (Etcheverry).

Tal percurso de línguas de influência reproduz, em certa medida, também os avanços da Psicanálise após a morte de seu fundador e primeiro autor. Ironicamente, mesmo Freud tendo sido um admirado autor de língua alemã, questões de ordem histórica impediram que o desenvolvimento da Psicanálise após a sua morte se desse nos países de expressão germânica, sobretudo na Alemanha. Primeiramente, ainda durante a vida de Freud, seus livros eram queimados nas fogueiras nazistas. A Psicanálise era proscrita como “ciência judaica” durante o III Reich. Com o fim da guerra, junto com o plano Marshall, e a entrada de capital estadunidense, a Alemanha passa a reconstruir sua vida acadêmica privilegiando no âmbito “psi” o *behaviorismo* e outras tendências norte-americanas. O crescente movimento feminista e de emancipação das mulheres – mesmo tendo sido a primeira paciente da psicanálise, Bertha Pappenheim (Anna O.) uma de suas fundadoras, alguém que muito se beneficiou do método para ter vez e voz num mundo machista e patriarcal – passa a ver com maus olhos, numa leitura apressada e tangencial, conceitos freudianos como a polêmica *Penisneid*.

Tal como foram partícipes na ocupação da Alemanha vencida na Segunda Guerra as três potências aliadas ao oeste parecem tomar a direção do movimento psicanalítico. A

Inglaterra, para onde Freud migrou e onde faleceu, tem em seu favor a alegada legitimação do espólio, já que lá encontrava-se a filha herdeira, Anna Freud, e o grande político do freudismo, Ernest Jones. Este, aliás, expande os domínios à outra potência de expressão inglesa, os Estados Unidos. São eles dois os responsáveis pela contratação do hercúleo trabalho de James e Alix Strachey, organizadores da *Standard Edition* inglesa.

Por outro lado, a princesa Marie Bonaparte, grande amiga de Freud, foi quem conseguiu salvar a família de Freud das garras da Gestapo e também ela parece arrogar-se uma importante liderança no movimento psicanalítico na França após a morte do fundador. Também ela foi responsável por influentes traduções e pela política psicanalítica em seu país. Mais tarde, porém, insurgindo-se contra os excessos biologizantes e cientificistas tomados pelos rumos da Psicanálise nos países de expressão inglesa, Jacques Lacan promove o famoso “retorno a Freud” privilegiando um novo contato com o texto-fonte alemão e um revisionismo das traduções e concepções vigentes. A partir das décadas de 70 e 80 do século passado, porém, parece que uma nova e antes insuspeita liderança se coloca de maneira difusa na América Latina, sobretudo graças à atuação de psicanalistas argentinos. Não por acaso, no Brasil, não raro lemos Lacan em traduções castelhanas e Freud em traduções francesas.

Mas se tudo isso diz respeito à história, quais as perspectivas atuais da psicanálise? Curiosamente, parece que, mais do que um arrefecimento ou “nova morte”³ do Freudismo, os avanços rumam ao leste. Sobretudo com grande influência de autores e psicanalistas franceses, os países onde parece que a Psicanálise mais cresce são Rússia e China. Especificamente quanto a este último país, surgem importantes questões que objetivamos abordar nas páginas seguintes. Antes de alimentar certas expectativas de que este trabalho seja fruto de uma extensa pesquisa e de que tenha muitos resultados relevantes a apresentar ao público, cabe o esclarecimento de que ele seria o germen para o início de um novo ciclo de pesquisas de um germanista, psicanalista e tradutor de Freud do alemão para o português brasileiro. Não é seu objetivo emitir juízos ou apresentar conclusões. O trabalho é motivado por diferentes fatores: 1) por minhas pesquisas que envolvem as relações entre língua, tradução e Psicanálise; 2) por acompanhar com curiosidade o ineditismo da entrada da Psicanálise na China no século XXI, sobretudo a partir do intercâmbio com

³ Alusão às constantes alardeadas “mortes da Psicanálise”, anunciadas em periódicos científicos ou jornalísticos, que por determinada razão visam tratar a Psicanálise como algo ultrapassado e/ou anacrônico. O psicanalista francês Charles Melman, aliás, desenvolveu um belo chiste para este recorrente fenômeno: “o interminável fim da Psicanálise.”

psicanalistas franceses e através do pioneirismo do professor Huo Da Tong da Universidade de Chendu; e 3) por perceber que o grande responsável pelos questionamentos sobre as relações entre linguagem e psicanálise, o psicanalista francês Jacques Lacan, teve na abordagem da língua e da escrita chinesas um fundamental ponto de partida para importantes investigações sobre a noção do “inconsciente estruturado como uma linguagem” e para a evolução das noções que decorrem desta asserção. Nesse sentido, vale lembrar a impactante revelação em seu XVII Seminário: “Me dei conta de algo, que talvez eu só tenha me tornado lacaniano, por que certa vez fiz aulas de Chinês” (Lacan, 1974-75). Pode parecer algo fortuito o fato de que Lacan, tendo uma escola de Chinês à frente de seu consultório em Paris e sendo um intelectual aberto às mais diversas modalidades de saber (Topologia, Filosofia, Literatura, História das Religiões etc.), tenha aproveitado a oportunidade desta coincidência geográfica, mas veremos que o impacto de suas relações com o a língua e escrita chinesas foram cruciais, sobretudo para a terceira fase de seu pensamento.

Entretanto, para que isso possa ficar mais claro, cabe retomarmos a evolução da Psicanálise no trânsito entre determinadas línguas e culturas. Como muitos devem saber, a Psicanálise é invenção de um médico psiquiatra e neurologista austríaco de expressão alemã, Sigmund Freud, e tem sua fundação associada ao livro de seu criador intitulado *Die Traumdeutung* em 1900. Cabe aqui destacar que o livro já estava pronto para ser publicado um ano antes, mas seu autor preferiu esperar para o ano em que se conta uma nova centena, ainda que não exatamente um novo século, para associar o impacto disruptivo de suas proposições à criação de um novo paradigma, para uma nova era. Com a Psicanálise, afinal, Freud rompe com uma longa tradição ocidental e europeia: a da separação entre os âmbitos do corporal-anatômico e o domínio do psíquico (*seelisch*) ou do mental/espiritual (*geistig-geistlich*). A clínica médica era guiada pelo paradigma do olhar para a extensão do corpo (Foucault, 1963/2001), para o físico, sendo à linguagem um simples meio descritivo do que aconteceria neste corpo.

Quer dizer, a linguagem seria uma mera extensão para o olhar do médico sobre o corpo. Ela parecia, entretanto, ser mais importante numa outra forma de “terapêutica”: A palavra levada ao sacerdote visava, sobretudo no modelo católico, através da confissão dos pecados, a um alívio das culpas que “pesavam sobre a alma”. Tal dicotomia *corpo X alma* era vista como necessária e teve em René Descartes o grande avalista, separando a *res cogitans* da *res extensa* a partir de suas *Méditations* e de seu *Discours de la Methode*. Se

em tantas sociedades, mesmo europeias, havia historicamente uma única figura responsável pelo acolhimento e tratamento do sofrimento humano, fosse ele anímico (*seelisch*) ou físico, tais como o xamã, a wicca, ou o pajé, o ocidente moderno separa (*spaltet*) esses cuidados entre o sacerdote e o médico.

A Psicanálise contradiz a compreensão cartesiana sobre essa questão a partir de seus dois mais fundamentais conceitos metapsicológicos: *Trieb* e *Unbewusste*. O conceito de *Trieb* é apresentado por Freud em *Triebe und Triebchicksale* (1914/2013) como um *Grenzbegriff zwischen dem Seelischen und dem Leiblichen* (um conceito fronteiro entre o anímico e o corporal). Com a ideia de *Grenze*, Freud não aponta para o que está separado como dois territórios distintos, mas justamente para uma “zona de conflito” uma “terra de ninguém” entre dois domínios. O sofrimento trazido por seus pacientes, sobretudo a partir das conversões histéricas, onde o mal originado no psíquico invade o corporal, mostrava o quanto essas áreas se cruzam e invadem. Assim, uma extrema antipatia, descrita como nojo provoca vômitos; uma situação insuportável de ser encarada e admitida gera uma cegueira momentânea, o amor de uma paciente por seu médico leva a sintomas de gravidez (pseudociese) etc.

Entretanto, aí se identifica o segundo conceito que contradiz o cartesianismo: o de Inconsciente. Os pacientes não se dão conta das relações acima mencionadas, não percebem algo essencial sobre sua identidade e subjetividade mascarada como sintoma. Se para Descartes tudo é duvidoso, menos a nossa consciência, o que o leva a emitir a máxima “Cogito, ergo sum” (penso, logo sou), para Freud, como nos aponta Jacques Lacan, “penso onde não existo, portanto existo onde não penso” (LACAN, 1966/1998, 248). Quer dizer, ele não nega a existência e a importância da consciência como fazem outras correntes da Psicologia, entretanto, para o psicanalista, a consciência seria somente um epifenômeno do sistema que nos governa: o inconsciente.

Mas se o inconsciente se descreve pela negação (prefixo *un-*), como acessá-lo? Pelas suas construções (*Konstruktionen*), por efeitos que nos remetem à linguagem e ao simbólico tais como: narrativas de sonhos, atos falhos, discurso sobre o sintoma, chistes e jogos de linguagem. Basicamente, para Freud, deixamos de ser um mero objeto da biologia ao adquirirmos a cultura e a linguagem. Com o ganho da linguagem, a espécie humana se destaca em relação às demais, mas o indivíduo paga o preço. Cada sujeito se vê cindido (*gespalten*) pelo o desejo inconsciente que geralmente se contrapõe às normas culturais ditadas pela consciência.

É curioso que tenhamos hoje essa descrição tão clara da descoberta freudiana a partir de um leitor que conheceu sua obra como escrita em uma língua estrangeira: falamos do também psiquiatra francês Jacques Lacan. Ambos tiveram a origem de sua formação na Medicina, mas perceberam nela também importantes limites a serem transpostos. Mas isso está longe de ser uma conclusão sem conflitos mesmo no seio no movimento psicanalítico. Até hoje quem assiste a filmes norte-americanos, por exemplo, observa que os psicanalistas ali retratados tendem a ser médicos de formação, o que não é a tendência entre os psicanalistas de outros países da América, ou mesmo entre os europeus. Isso novamente é explicável por um fenômeno de linguagem, mais especificamente, de tradução.

Aqui começamos a perceber algo fundamental na compreensão da Psicanálise freudiana no trânsito entre as línguas, inicialmente, as ocidentais. Se o essencial do pensamento psicanalítico foi produzido a partir de palavras de uso cotidiano e de fácil compreensão por parte dos falantes de alemão, as especificidades dessa língua originária impuseram dificuldades e diferentes compreensões a partir de suas mais influentes traduções. Para tomarmos os conceitos mais fundamentais e básicos, *Trieb* foi vertido para *instinct* no inglês, aproximando o leitor de uma leitura médico-biológica, assim como *Seele* foi vertido por *mind*, enfatizando aspectos cognitivos e certo funcionalismo adaptativo. Já no francês, os termos mais influentes foram vertidos por *pulsion* e *âme*, o que deixa a Psicanálise mais aberta a circular entre a filosofia, a literatura e as ciências humanas.

Na verdade, o uso de palavras simples e corriqueiras para a construção de suas teorias foi defendido e justificado por Freud em seu texto *Die Frage der Laienanalyse* de (1926). Texto que Freud associará a *Die Zukunft einer Illusion* (1927) numa carta escrita a Oskar Pfister como textos em que visaria distinguir a Psicanálise do fazer médico e do sacerdócio:

Não sei se você se apercebeu do vínculo secreto entre a 'Análise Leiga' e 'Ilusão'. No primeiro livro, quero proteger a análise dos médicos e, no segundo, dos sacerdotes. Quero confiá-la a uma categoria que ainda não existe, uma categoria de pastores seculares de almas, que não precisam ser médicos e não podem ser sacerdotes.⁴ (Freud in Noth, 1928/2014, 263).

⁴ No original: „Ich weiß nicht, ob Sie das geheime Band zwischen der 'Laienanalyse' und der 'Illusion' erraten haben. In der ersten will ich die Analyse vor den Ärzten, in der anderen vor den Priestern schützen. Ich möchte sie einem Stand übergeben, der noch nicht existiert, einen Stand von weltlichen Seelensorgern, die Ärzte nicht zu sein brauchen und Priester nicht sein dürfen.“

Para o leitor de Freud em língua alemã, curiosamente, o autor parece claro e extremamente acessível, mas em suas traduções percebemos que o seu conceito de resistência também se aplica às línguas. Se palavras como *Seele* e *Geist*, para nos limitarmos a dois simples exemplos, circulam tão livremente entre os vocabulários médico, religioso e filosófico no alemão, isso dificilmente pode ser reproduzido por equivalentes em outras línguas europeias modernas. Tal situação pode ser comparada, de modo muito peculiar, com a questão da tradução de um texto de origem chinesa como o *Tao Te King*. Dependendo de como se compreende sua origem e inscrição na cultura de origem, poderemos ter traduções que enfatizem suas características filosóficas, poéticas ou místicas (Tavares, 2014). Qual seria a mais “fiel” ao texto-fonte? Voltaremos a tais questões adiante.

É interessante observar que com a morte de Freud no exílio em Londres, para onde pôde fugir com o intermédio da francesa Marie Bonaparte, tivemos a continuidade da Psicanálise a partir de um cisma provocado pelas suas leituras em duas línguas: o inglês e o francês. Na América do Sul poderíamos dizer que prevaleceu nas últimas décadas uma compreensão da Psicanálise muito mais próxima daquela difundida na França, ainda que no Brasil a situação tenha sido especialmente confusa. Como Freud teve sua primeira publicação de obras ditas completas e amparadas por um rigoroso aparato editorial em língua inglesa, a editora brasileira detentora dos direitos de publicação fez sua versão a partir da edição inglesa, e não do texto-fonte alemão. No entanto, dada a grande influência de leituras francesas e em espanhol (Argentina, Uruguai, Espanha), os leitores brasileiros buscavam compreender o autor lido a partir do inglês com dicionários terminológicos elaborados na França e traduzidos do francês, como é o caso do célebre *Vocabulaire de la Psychanalyse* de Laplanche e Pontalis.

Mas, retomando Lacan, este teve após Freud uma ferramenta fundamental que faltou ao primeiro psicanalista: o acesso à linguística estrutural de Ferdinand de Saussure. O linguista suíço teve êxito em fundar uma ciência que prescindia de substância, mas não de estrutura. Lacan percebeu a pertinência de algo deste modelo para descrever a Psicanálise e demonstrar que o “Inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Com isso, retornando a Freud, Lacan mostrou que os três livros essenciais⁵ de seu mestre

⁵ *Die Traumdeutung* [A interpretação dos sonhos] (1900), *Zur Psychopathologie des Alltagslebens* [Psicopatologia da vida cotidiana] (1901) e *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten* [O chiste e sua relação com o inconsciente] (1905).

vienense tratavam de questões fronteiriças entre a linguagem e o psiquismo, ou, melhor dizendo, que o psiquismo estava diretamente ligado aos fenômenos de linguagem.

Partindo do conceito básico da linguística de Saussure, o signo, formado pela relação biunívoca entre determinado significado (valor de sentido) e seu correspondente significante (imagem acústica), Lacan inverte a primazia proposta pelo linguista, enfatizando o significante. Assim, uma somatização (conversão histérica) seria um significante feito corpo (sintoma); o sonho, significantes que deslizariam numa cadeia associativa; o chiste, uma espécie de contravenção nas relações de atribuições de sentido etc. Tudo isso parece ser muito claro e lógico tomando como parâmetro as relações entre significados e suas representações fonológicas presentes nas línguas ocidentais, mas, o que dizer do caso do chinês e seu modelo de escrita?

Tratando de um outro povo dotado de escrita ideográfica e não fonográfica, Lacan fez certa vez uma afirmação forte e polêmica: “O japonês é inanalísável” (Lacan, 1964). Isso que poderia ser lido como uma espécie de discriminação cultural ou uma consideração de *déficit* por parte dos orientais face à Psicanálise, na verdade apontaria mais para o oposto: uma falta na própria Psicanálise, saber ocidental, construído de acordo com os limites da cultura que o engendra. Como aponta Márcia Rosa em relação ao que diz Lacan em seu Décimo-Primeiro Seminário, “insatisfeito com o falado, o sujeito japonês oscila para a satisfação trazida pelo escrito e se poupa de lidar com os limites do dizível (S de A barrado) e do trabalho de criar um estilo, isto é, de se haver com o objeto.” (2009, 70). Para Lacan, na forma como estaria estruturada, a língua dos japoneses vedaria as formações do inconsciente fazendo do sujeito algo inanalísável. Como coloca Isidoro Brasil sobre a afirmação lacaniana:

...na sua língua [o japonês] faz uma transmutação do chinês para uma leitura japonesa. A água, por exemplo, ou o elemento pictórico, ou a grafia, o ideograma de água é o mesmo para o chinês e para o japonês, mas o japonês o lê distintamente, logo a língua japonesa traz consigo a *lalangue*, o próprio inconsciente. O inconsciente japonês seria a céu aberto. Uma das propostas de Lacan é esta: o japonês é inanalísável porque o seu discurso traz o seu inconsciente. (1993)

Sobre as diferenças entre línguas como o chinês e as europeias modernas, Vilém Flusser (1963/2010) classifica a primeira entre as isolantes e as segundas como as flexionais. Numa língua isolante, como ele demonstra, um mesmo “significante” fonético pode ter dezenas de sentidos, sendo o que o define, o contexto ou o ideograma utilizado. O

autor tcheco nos traz um rico exemplo do cantonês, língua em que a sílaba *chih* poderia significar “história, empregar, cadáver, mercado, exército, leão, confiar, servir alguém, poesia, tempo, saber, dar de presente, ser, sólido, perder, proclamar, olhar para, dez, levantar, pedra, geração, comer, casa, clã, comércio, soltar, experimentar, negócio, potência, oficial, jurar, morrer, acontecer etc.” (Flusser, 1963/2010, 63). Nesse sentido, mais ilustrativo exemplo temos na tese de doutorado do professor Cleyton Andrade (2014, 305) quanto ao seguinte poema chinês:

施氏食狮史

石室诗士施氏, 嗜狮, 誓食十狮。
 施氏时时适市视狮。
 十时, 适十狮适市。
 是时, 适施氏适市。
 氏视是十狮, 恃矢势, 使是十狮逝世。
 氏拾是十狮尸, 适石室。
 石室湿, 氏使侍拭石室。
 石室拭, 氏始试食是十狮。
 食时, 始识是十狮, 实十石狮尸。
 试释是事。

Ainda que qualquer chinês possa compreender e seguir a leitura deste poema, mais do que um mero “trava-línguas”, toda a rica composição, com as variantes tonais próprias do mandarim, é construído sobre uma única sílaba, representado em caracteres latinos por “shi”. Logo, eis a transcrição de tal poema:

《 Shī Shì shí shī shǐ 》

Shìshì shīshì Shī Shì, shì shī, shì shí 10 shī.
 Shì shìshí shì shì shì shī.
 10 shí, shì 10 shī shì shì.
 Shì shí, shì Shī Shì shì shì.
 Shì shì shì 10 shī, shì shǐ shì, shī shì 10 shī shìshì.
 Shì shí shì 10 shī shī, shì shìshì.
 Shìshì shī, Shì shǐ shì shì shìshì.
 Shìshì shì, Shì shí shì shí shì 10 shī.
 Shí shí, shǐ shì shì 10 shī, shí 10 shī shī.
 Shì shì shì shì.

Ou seja, não há continuidade alguma entre escrita e pronúncia. O mesmo ideograma utilizado para designar algo em mandarim, contudo, serviria para o cantonês e outras tantas línguas chinesas ou asiáticas para designar a mesma coisa, ainda que com uma pronúncia totalmente distinta. Eis um ponto que nos remete ao tratamento lacaniano da linguagem a partir do Seminário XVIII *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, em grande parte dedicado à escrita chinesa. Ali se demonstra o quanto o som pode ser oscilante e equívoco quando contraposto à escrita. Para darmos um exemplo, quase todos os títulos de seminários posteriores ao décimo oitavo desafiam as relações entre a pronúncia e a escrita:

Seminário 20: Encore / en corps

Seminário 21: Les non-dupes errent / Les noms du père;

Seminário 22: RSI / hérésie

Seminário 23: Le Sinthome/ Le Saint-homme

Seminário 24: L'Insu qui sait de l'une bévue s'aïlle à mourre/ L'insuccès de *l'Unebevue* (Unbewusste) c'est l'amour.

Com os ideogramas chineses, portanto, é em determinada composição, como num mosaico, que o som ganha seu valor, mas a relação dos encontros e desencontros entre o som e a escrita vai muito além nesse trânsito de Lacan com a língua e a escrita chinesas. Desde a proposição lacaniana da tríade Real, Simbólico e Imaginário, organizados no nó Borromeu, os psicanalistas aprenderam a entender suas proposições pelos modelos trinitários, e tal modelo também nos será útil aqui, para tratarmos da linguagem, da escrita

e da fala. A começar percebendo a influência de três mestres de Lacan acerca do mundo chinês: Paul Démieville, Marcel Granet e François Cheng. Sob a influência dos dois primeiros, segundo Andrade “Lacan fez notar sua sensibilidade com os temas correlatos ao mundo chinês, pela poesia, pela escrita, o taoísmo, os ritos, as danças, o budismo Chan (zen), etc.” (2014, 339).

Mas o mestre fundamental e mais fecundo teria sido o terceiro, François Cheng. A partir dele poderíamos enumerar importantes contribuições para o desenvolvimento do ensino de Lacan:

A escrita chinesa agora permite o que não foi possível antes, separar fala e escrita. Foi preciso abandonar a referência a uma escrita alfabética e fonética para separar a letra do significante. O que era ou não visto e entrevisto na “carta roubada” ou mesmo no *rébus*, encontra no caractere chinês um outro modo de lidar com a imagem e com o semblante. Torna-se possível reafirmar a anterioridade da linguagem sem que isso resulte numa primazia do significante e na redução da letra a um mero instrumento de suporte de uma materialidade fonética. A metáfora da planície siberiana, tal como uma pintura chinesa, torna possível uma escrita da voz, solução para um impasse antigo. A nuvem de semblantes que se desmancha em chuva que sulca a terra marcando a escrita, uma escrita da marca. Não há como pensar a letra sem *lalíngua*. Não há primazia, contudo. O que é primeiro não institui uma hierarquia. (Andrade, 2014, 340-1)

Certamente, muito do que é aqui disposto pode parecer de difícil compreensão a um leitor não iniciado em uma série de conceitos lacanianos como *lalangue*, letra, traço etc. Mas o fato é que a escrita chinesa, contemplada a partir do ocidente – geralmente num registro do poético, dadas as suas potencialidades que em muito extrapolam nossas possibilidades a partir do registro fonográfico – serviu para Lacan encontrar, junto com outros elementos literários, como os experimentos de James Joyce, um “saber literário” que amparasse sua clínica do Real, para além dos limites do Imaginário e do Simbólico.

Curioso seria observarmos como este saber que se constitui desde suas origens a partir de questionamentos sobre os limites das possibilidades de trânsito entre as línguas e culturas vem encontrando sua acolhida e, talvez, avanços ao transpor uma passagem tão maior entre línguas e culturas, adentrando as fronteiras do país, cujo sistema de linguagem e escrita foi tão fecundo para o seu desenvolvimento. Se em 1949 alguns livros de Freud chegaram a ser traduzidos ao chinês, é importante lembrar que suas circulações e edições foram em seguida proibidas, dadas as questões políticas que restringiam a entrada de obras ocidentais nos tempos pós-revolução. Porém, vemos hoje, num momento em que os

ocidentais tanto se queixam de certa estagnação no que diz respeito aos avanços do saber psicanalítico em países europeus e americanos, a tradução de escritos fundamentais tanto de Freud (ainda que, infelizmente, a partir de versões em inglês!), quanto de Lacan para o chinês. Em Xangai, sobretudo, percebe-se mais e mais casos de psicanalistas franceses convidados para difundir as ideias psicanalíticas, mas também por parte de chineses com formação no ocidente tem se dado a iniciativa para a entrada da Psicanálise na China.

Caso singular é sem dúvida o do considerado “Freud Chinês”, como já foi designado por um jornal de seu país. Huo Datong leciona Psicanálise para alunos de pós-graduação no curso de Filosofia da Universidade de Chengdu, na Província de Sechuan, pois a “disciplina” ainda não tem *status* próprio na China. Huo fez análise com o francês Michel Guibal e defendeu sua tese de doutorado em Paris sobre o “mito do nascimento do filho do céu”, cujo subtítulo é sutilmente anunciador de sua pesquisa: “Formação do inconsciente chinês”.

Entre as diferenças fundamentais entre o “inconsciente” chinês e o ocidental, Huo aponta mais para questões dos mitos fundadores e das matrizes religiosas, do que propriamente para a escrita como foi o caso de Lacan: “Já mostrei que na China não encontramos mitos como o de Édipo, mas encontrei alguns mitos de personagens como o filho do céu, do imperador, do fundador da cultura chinesa, fundador do taoísmo, do budismo, do confucionismo” (Huo in Duarte-Plon, 2003, 155). Para retomarmos as tríades lacaniana, Huo levanta um ponto essencial justamente na diferença entre as três “religiões fundadoras” do oriente e as três do ocidente:

É o conceito de Deus. É o conceito do monoteísmo. Primeiramente, com o judaísmo, depois com o cristianismo, depois com os árabes e o Islã. Existe uma raiz comum. Mas não para os chineses. Na China, temos três religiões: confucionismo, budismo e taoísmo. E não temos um conceito de Deus. Cada um tem seu próprio conceito. Nessas três religiões diferentes não há tensão como existe nas outras três religiões monoteístas. Um camponês chinês normal acha que deve primeiramente passar no templo confucionista, depois no templo budista e depois no templo taoísta, tudo no mesmo dia. Ele se sente muito bem, não tem nenhum sentimento de culpa. (Huo in Duarte-Plon, 2003, 156)

Se para Freud o desafio inicial era separar seu saber dos âmbitos da cientificidade médica e do dogmatismo religioso, talvez a China seja uma grande possibilidade para importantes avanços de um saber que nasceu como “estranho/estrangeiro” em sua cultura e língua de origem.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Cleyton Sidney. A interpretação analítica e a escrita poética chinesa. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

BRASIL, Isidoro. **Psicanálise de Brasileiro**. Texto disponível em <http://www.psicanalisedebrasileiro.com.br/artigoisidoro.html> acesso em 17 de out. de 2016.

DUARTE-PLON, Leneide. Psicanalista Huo Datong. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 153-158, June 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100009&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 17 de outubro de 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982003000100009>.

FLUSSER, Vilém. **Língua e Realidade**. São Paulo: Annablume, 1963/2010.

FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Ed. Forende Universitária, 1963/2001.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos (Edição Bilingue)**. Trad. de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LACAN, Jacques. *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*. In: **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **Seminário 22 – RSI** (versão eletrônica não oficial). 1974-75.

NOTH, Isabelle (Org.). **Sigmund Freud – Oskar Pfister: Briefwechsel (1909-1939)**. Zurique: Theologischer Verlag Zürich, 2014.

ROSA, Márcia. Da cadeia significante à constelação de letras: os signos do gozo. **Ágora (Rio J.)** [online]. 2009, vol.12, n.1, pp.53-73. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151614982009000100004&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1809-4414. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982009000100004>. Acessado em 17 de outubro de 2016.

TAVARES, Pedro Heliodoro. Flusser com Freud: Tradução, Sujeito e Cultura. **Pandaemonium Germanicum** [online]. 2014, vol.17, n.23, pp.223-239. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-88372014000100014&lng=en&nrm=iso>. ISSN 1414-1906. <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-883720140001000223>. Acessado em 17 de outubro de 2016.

TAVARES, Pedro Heliodoro. **Versões de Freud – Breve panorama crítico das traduções de sua obra**. Rio de Janeiro, 7Letras, 2011.